

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
16 DE JANEIRO
ANNO 1. N. 25.

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 22.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1871

AMERICA

(VARIEDADE)

Um typo de homem.

A pessoa de quem pretendo occupar-me chama-se F.

De quem é filho? d'onde é natural? são duas perguntas que não vêm ao caso, e que por isso não merecem de mim mais que um religioso silencio, ou aliás um—não sei!

Não quero, porém, que os leitores fiquem descontentes: hão de vê-lo por dentro e por fóra, se tiverem a bondade de lêr isto até o fim.

E' não desanimar.

F. é um *sugeito*, notavel pelos excellentes *predicados* ou *attributos* que o distinguem de outro qualquer.

(Fiquem desde já sabendo que o *sugeito* podia ser tudo, menos *verbo*.)

Não é magro, nem gordo. Nem D. Quixote, nem Sancho Pança.

E' assim... assim...

Tambem não é alto que espante, nem tão baixo que seja preciso o auxilio de microscopio. Nem Briaró, nem pigmeo.

E' o termo medio entre o Patagão e o Lapão.

Quanto á phisionomia, na opinião de uns, é um Narciso, um Adonis; na opinião de outros, um urso, um orangotango.

São modos diferentes de encarar as coisas.

Supponho, porém, que os ultimos fazem ideia mais approximada do meu heróe.

O frontispicio é pouco mais ou menos esse. Vejamos-o interiormente.

E' dotado de uma intelligencia á toda a prova.

Se duvidam, vejam estas amostras:

Uma occasião, apresentando-se a concurso para um lugar que tinha vago, pulverizou á intelligencia de seu antagonista com esta monumental pergunta do Historia sagrada: *Quantos filhos tiveram Jacob?*

Outra occasião perguntaram-lhe: Sabes o nome do autor do *Paraíso perdido*?

— Ora pois não hei de eu saber! Era o que faltava! Admira-me muito ignorares isso! Não ha cão nem gato que não saiba que o autor do *Paraíso perdido* foi *Confucio*.

— Quem diabo era esse *Confucio*?

— Ora essa! Um celebre escriptor portuguez, natural da Corsega, pequena ilha situada no golpo de Obi, no mar das Antilhas. Teve uma morte muito desastrosa esse homem! No século X, indo elle passear ao Brasil, morreu debaixo de uma enorme avalanche de gelo que se havia desprendido do monte Thabor.

Disse um dia a um amigo: Nem pelo diabo sou capaz de fazer versos hexâmetros; acostumei-me a fazel-os sempre de *quatro pés*!

Tapo aqui a torneira dos exemplos porque temo afogar a paciencia dos meus indulgentes leitores em ondas de semsaborias.

Supponho que demonstrei até á evidencia o grão de intelligencia do meu heróe. Mais claro, só agua, já podem fazer um juizo do juizo do meu apresentado.

Prosigamos, que o *espaço* é longo e o tempo breve!

Um dia, passou-lhe pela mente uma idéa luminosa como em *noute de escuro* um *vagalume*: — o casamento!

O nosso heróe, pela primeira vez, olhou para si e reparou que era homem, e além d'isso solteiro, e que por conseguinte no caso de casar-se sem offender as leis que regem o universo. Nada mais natural, nem mais justo.

Fez, pois, teugão de casar-se. Não com uma *qualquer* moça pobre, embóra rica de virtudes e sentimentos, porque F., philosopho como era, depois de um longo raciocinio e varias dissertações sobre conveniencias matrimoniaes, chegou á conclusão logica de que com os sentimentos e as virtudes do sua esposa jámais conseguiria abastecer a dispensa das coisas que não se dispensa

porque são indispensaveis á conservacão individual. Tinha razão. Se os leitores entendem pela palavra—razão —a faculdade de discorrer e raciocinar, digolhes entao que o Sr. F. não tinha razão.

Não façamos questião de palavras, como dissem os deputados.

Os leitores, perspicazes como presumo, já devem ter adivinhado que F. queria moça rica, e que não era tolo, querendo.

Não foi preciso faser uma viagem *au tour du monde* para encontrar a sua almejada pedra philosophal.

Nada mais á proposito: de fronte de sua casa morava uma muito interessante joven, filha de um negociante *endinheirado*!

Outra coincidencia: o pai da mocinha era o proprietario da casa de que F. era o inquilino! Se se casasse na casa, *ficava tudo em casa*! Que fortuna! Se pilhasse a fortuna da moça eram duas *fortunas*! E ella, para cumulo da felicidade, chamava-se *Fortunata*!!

Eia, avante! Mãos á obra! Elle, apesar de saber tanto latim como eu, lembrou-se da famosa maxima: *audacem fortuna juvat*, e quiz confirma-la.

Seu plano de batalha era o seguinte: postava-se tãrdes inteiras á janella, firme como um recruta. Seus olhos eram como que duas bocas de fogo em pleno exercicio de suas funcões; porém os projectis que arremessavam, se acaso logravam atingir o alvo retrocediam immediatamente porque encontravam uma frieza... á prova de bala.

Elle, contudo não desanimava porque tinha feito um firme proposito de desmorronar aquelle Humaytá de insensibilidade.

Sahi quasi tudo á medida de seus desejos.

Uma tarde, ao pôr do sol, cantou victoria, bradando tres vezes: Eureka!

Tinha finalmente recebido ou merecido um olhar! Mas um olhar capaz de reduzir um *simples* mortal á expressão mais simples!...

POESIAS

Anjo decahido.

E'tolle, léve-toi !
(V. Hugo).

Sonhei-te casta, de pureza infanda,
Mais pura ainda que gentil vestal,
Tão radiosa, sedutora e bella
Qual uma estrella que não tem rival.

Porque a corda virginal manchaste ?
Porque a deixaste ao esfolhar no pé ?
Ah ! tu não viste da virtude indicio
E a voz do vicio escutaste só !

De virgem pura teus sagrados votos
Ei-los já rotos pela mão do crime,
E hoje imploras, decahida Venus,
Um braço ao menos que o teu corpo arrime !

Ah ! se tu vivias, infeliz menina,
Qual na neblina desolada fôr,
Por entre a bruma que te envolve, densa,
O sol da creança te dará vigor !

Vem ! que'inda pôdes reviver de novo !
Deixa esse povo que te cerca, vil !
Se n'essa vida tens offensas duras,
Aqui venturas gosarás a mil !

No pranto apaga da impureza a chamma,
E lava a lama que teu ser nodôa,
E em vez da pura, virginal capella,
Cinge, donzella, da virtude a c'roa !

O teu perdão, qual Magdalena afflicta ;
Ah ! solicita com fervor e fé !
C'oa voz cortada pelos teus soluços
Deves de bruxos implorar até !

Se o Deos bondoso q' a natura regê,
E nos protege contra a sorte crua,
Por graça immensa perdoo-te o crime,
Será sublime redempção a tua !

Despressa o vicio d'illusorio brilho !
Da honra o trilho só tem luz infinda !
Eia ! que ao vér-te radiante estrella,
Surgindo bella—te amarei ainda !...

Porto-Alegre, Dezembro de 1870.

João Damasceno V. Fernandes.

Nocturno.

Ao balançar da lampada
No azul de firmamento,
O corpo dorme,—a alma
Esquece o pensamento.

O céu, a terra, os homens,
O mundo—tudo é triste ;
A noite é scena muda :
Só Deos velando assiste.

A nevoa fria e densa
Envolve o oceano,
Esvai-se no silencio
Todo o orgulho humano.

Mas eu não sou da terra,
Minh'alma além vagueia

Descrever a impressão que lhe causou esse *simples* volver de olhos, me é impossível.

Para contentar os leitores, direi que F. ficou mais perturbado, enleando e nervoso do que se tivesse tocado a botella de Leyde ! Faço idéa !

No entanto, a mocinha, (que de tola não tinha nada) tendo percebido o abalo que tinha causado no espirito de F., contentou-se unicamente em sorrir-se, e retirar-se da janella, dizendo com senhoril desdem : Que grande cavallo de copas !

Como são as cousas n'este mundo ! Que variedade de pensamentos !

O meu F., porém, que julgava-se arrebatado ao sétimo céu de Mafoma, passou a noute em vigília, compondo quadras apesar de ter na memoria estes versinhos de Couto Guerreiro :

Tolo emfim (que um tolo é conhecido)
Apenas abre a bocca ou dá passada)
Busque outra occupação assalvada
E fuja a quatro pés de ser poeta...

E no dia seguinte enviou á *bella dona* que comemorava a martyrsyralhe o coração este lindissimo

RECITATIVO.

Tu les liras ces vers.....
(P. Flaugergues.)

Quando se encontram n'esta vida entes,
Puros, frementes, com igual ardor,
Ai ! tu bem sabes que a *fortuna atá*
Laço de prata que se chama—amor. —

Quando lançaste-me um olhar ardente,
Logo doente o coração senti ;
Por isso, ó anjo, vem me dar soccorro,
Senão eu morro de paixão por ti !

O que é pôde te infundir receio ?
Eu não sou feio, sou ainda moço...
Se não quizeres me fazer ditoso,
Irei choroso me atirar n'um poço !

(Continúa.)

De Porto Alegre.

Desta precedencia chegou hontem o vapor *Guatiba*.

Foi portador de datas até 14 do corrente.

As noticias carecem de interesse.

S. Exc. o Sr. Pinto Lima, devia, hoje, 16, embarcar-se em um dos vapores de guerra, e dirigir-se á cidade de Pelotas, devendo depois vir á esta.

E como o anjo sem patria
Soluça, geme aneja.

E tu.... dormes tranquilla
Sonhando um céu de amores,
Teus labios pedem beijos
Como o orvalho—as flores !

Contigo os anjos bricam
Que te orne a fronte bella,
No virginal delirio
Palpita o casto, seio...

Buscando um diadema
Que te orne a fronte bella,
As mãos ao céu levantas
E colhes uma estrella,

Princeza balança
N'um throno de esplendores,
Estende os teus dedos
Aos labios sonhadores !...

Oh ! deixa que te adore
Em meu scismar perdido,
Ao canto do poeta
Não furtos teu ouvido !

Confia-me o segredo
Que a vida me conforte,
Um riso teu me basta :
Eu bem direi a sorte !

Não temas, oh ! não temas
O gelo de minh'alma :
No fogo de teus labios
O meu soffrer acalma !

Esconde-me, piedosa,
Nas sombras do teu manto,
Em teus cabellos negros
Faz euxugar meu pranto !

Ai ! basta, fui incauto
Manchar as puras flores
Do leite, onde repouzas
Sonhando em teus amores !

Do mundo aos fugitivos
Jamais a luz radia,
Somente a mão da morte
Seus lentos passos guia.

Nas trevas que me envolvem
Qual tetrica roupagem,
Incerto, vacillante
Eu busco a tua imagem...

Oh ! dorme, não escutes
A voz que te procura,
Deixa banhar meus labios
Nas ondas da amargura !

(Estr.)

porém viu que seu inimigo tirou do seio um punhal, inteiramente igual ao que tinha em suas mãos.

— Eis aqui a prova, proseguiu mostrando a arma. Este devia fazer impossível nosso combate: esta mão não deve levantar-se contra vós; este braço não deve dirigir golpes algum; este pensamento não deve aborrecer-vos como até agora.

— Oh! não vos compreendo, exclamou o joven.

O general embucou-se em sua capa, e depois de fazer um signo estranho, fixou seus olhos no pallido rosto de Genaro, que olhava ao punhal, sem comprehender aquella scena.

— Ouvi: somos irmãos: a igualdade de nossas armas o manifesta; porém esse anjo que nos disputamos, nos faz inimigos irreconciliáveis. Não esqueças a sítua de amanhã: Vosso sangue ou o meu lavará a affronta desta noite.

O general sahio ao dizer estas palavras. — Seja, pois, como o desejares, contestou Genaro caindo de joelhos ao lado de Mathilde.

CAPITULO XVI

o duello

Toda a noite a passou Genaro ao lado de Mathilde, prodigalizando-lhe os cuidados mais ternos e procurando arrancal-a d'aquelle somno fatal que havia posto sua honra a dois dedos de sua perdição.

Desde logo, e durante as longas horas que haviam decorrido, meditou com descepoção que Mathilde era victima de uma perfidia, a qual podia renovar-se em occasio mais favoravel. Esta idéa o fez tremer porquanto comprehendia-se que a joven estava envolta em os laços de uma intriga, cujo fundo era-lhe impossível advinhar.

Devorou em silencio o fel que semelhanças reflexos vertiam em seu coração, mais disposto a morrer por aquella mulher adorada, ou buscar a origem daquelles perigos que brotavam em torno della, ainda que tivesse que expor a existencia & todas as horas do dia.

Os primeiros raios de uma aurora pallida e nebulosa principiam a colorir os crystaes do gabinete branco, e Genaro comprehendendo q' não podia permanecer mais tempo naquelle sitio sem comprometter a honra de sua amada. Satisfeito ao mesmo tempo de que os effeitos do opio iam desaparecendo, enrolou-se em sua capa, cubriu-se a cabeça com um chapéu de largas abas, e sahio do gabinete pelo passadizo secreto de que elle possuia a chave, disposto a voltar-se por fortuna sahia felizmente do desafio que tinha pendente.

E uma vez na rua, respirou o gelado ambiente da manhã com toda a força de vontade, propria de sua alma vigorosa e altiva, e preparou-se para fazer frente a todos os azares e contratempos que pudessem sobrevir.

Genaro havia feito completa abnegação de si mesmo, e pouco lhe importava o duello que devia verificar-se ás 10 horas da manhã. Comtudo ao cruar pela rua do Arcial, penetrou em S. Ginés, pois como hespa-

nhol e como christão, necessitava fortalecer seu espirito por meio da religião; curtiu missa com a mesma fé que o faria um cruzado antes de entrar em batalha, e sahio á rua de novo, mais tranquillo, mais resolido, mais seguro de vencer.

Quando chegou á praça dos Adifetos, já seu protector o esperava com ansiedade.

Estava pallido; conhecia-se a inquietação que o devorava, pela alteração de sua phisionomia, e os vagos temores que atormentavam sua alma generosa.

O hom ancão sahio á recolhel-o na escada e desde logo estudou profundamente o rosto de seu educando, por se conhecia nelle algum indicio de temor. Nunca Genaro havia estado tão sereno, nunca havia brilhado seu olhar com maior limpidez.

Este ligeiro exame tranquillizou alguma cousa ao padre Roberto, e pondo-lhe carinhosamente a mão sobre um hombro:

— Vamos, meu filho, lhe disse, com doce e commovida accentuação; me fizestes esperar toda a noite, e ás vezes temi por ti. — Perdona, meu pai, respondeu Genaro: um dever poderoso affastou-me de vosso lado. Oh! se souberras... Ha na vida cousas horribes, como na natureza insectos espartozos.

— A experiencia te irá demonstrando que a sociedade é um abysmo de miserias; uma flor que, como o fructo do Jordão, é bella por fóra e hedionda por dentro. Porém não nos detenhemos aqui, querido Genaro: os momentos voam: ás 10 ha necessidade de acudir á ponte de Toledo; é necessario que me concedas as horas que faltam para que meu coração se desfogue. O unico ser a quem amo no mundo, eres tu; se te perdo, regularmente me perderei tambem: isto é, perderei minha energia que é o fogo que alimenta minha alma.

— Não, meu pai, respondeu o joven com profunda ternura; eu não devo morrer: ha uma voz que me o diz,

Assim o espero; mas já comprehenderás, que por muito que seja a minha confiança, não posso menos de abrigar temores que só a ti te manifeste.

O benedictino conduziu o joven ao seu despacho, e fochou a porta por dentro.

Em a mesa que lhe servia de estudo havia alguns manjares e garrafas com exquisitos vinhos, o que surpreendeu ao joven.

— Senta te, exclamou o religioso com paternal ternura, levando-o a poltrona que elle occupava; quero que fortaleças o corpo, para que não desmaie teu vigor no momento opportuno. Eu te servirei; esta é uma ultima prova de meu affecto, e não duvido que me deixarás obrar. Tens vontade de comer?

— Muito pouca.

— Não importa: procurei que haja manjares que abram o appetito.

Genaro, eternecido com tão sollicitos cuidados, deixou-se levar dos conselhos de seu protector. Emquanto comia e bebia, este o olhava em silencio, procurando occultar alguma lagrima rebelde que de quando em quando assomava á seus olhos.

Concluido o almoço, o padre Roberto olhou para seu relógio de parede, que agitava sua pendula entre os estantes de livros que cubriam o despacho.

— São oito horas, meu filho : temos uma hora para consagrar-nos a nós mesmos; para fazer-nos nossas mais íntimas confidências, para avisar-nos mais e mais no meio desta solidão em que vivemos. Deus será a única testemunha de nossas palavras. Nossos sentimentos serão a cadeia harmoniosa que nos una; pois é preciso que ao fim nos portemos como homens, e mais que tudo como hespanhões.

É inútil que evoqueemos consas tristes : cada qual soffre em sua alma o que padece: pois a dor, o mesmo que a inércia, debilita. Quero crêr em um resultado lisonjeiro e favorável. Fallemos, pois, até ás nove.

— Sempre estou disposto á preencher vossos desejos.

— Ás nove, proseguiu o ancião, nos vestiremos; entraremos em nossa carruagem, e ella nos levará ao lugar do combate.

— Porém vais á vir ? perguntou o joven com um sentimento indefinível.

— Vejo-me precisado a faltar ao que me devo a mim mesmo, contestou o padre Roberto com melancólico sorriso ; a dominação estrangeira obrigou a fugir á meus melhores amigos ; estamos sós, e a não ser este pobre velho que tanto te ama, quem te servirá de padrinho ? Força é que esqueça meu caracter, minha idade, e ainda o carinho que te tenho, para impôr-me este duro sacrificio. Joga nelle o desejo não de um particular, senão de um hespanhol : o principio de nossa honra nacional. Oh ! que não se diga jámais que os hespanhões faltaram as regras cavalleirascas !

E os olhos do ancião, ao pronunciar estas palavras brilhavam como duas scintillas : sua formosa e severa cabeça parecia elevar-se ante a recordação daquella dignidade sublime que se apodera do coração nos dias generosos da juventude, e um sorriso cheio de bondade expressava eloquentemente a immutável resolução que havia adoptado.

— Jámais, poderei consentir que vos expunhas por mim, Vossa idade, vosso estado, tudo se oppõe á isso.

— Segue meus conselhos e não te opponhas á minha determinação. Eu sou a experiencia, tu a fegosidade; eu sou o tempo passado, tu o tempo presente. Advinha em esse abysmo de dias, quantos acontecimentos de todos os generos não se haverão amontoado neste coração, o furacão da existencia. Crês tu que a risounha apparencia que retrata uma lago em sua terça superficie, não encobre escollos perigosos ou mysteriosas sirtes ? Inesperto joven ! Deixa-te levar como Telemaco por Mentor. Nestes momentos supremos, períodos de provas que se apresentam em a vida, é mister sobrepujar as vagas da tempestade, por grandes que ellas sejam ; é preciso rolar nessa alma de uma couraça de diamante, fazendo-a insensível á certos sentimentos que nos venceriam antes de principiar a luta. Affiguemos, meu filho, as emanações puras e sensiveis que se desprendem de nosso coração, e pensemos em preparar-nos contra toda a eventualidade.

Ainda que as palavras do ancião eram energicas e poderosas, suas acções estavam em aberta contradicção com ellas: pois rodava e acariciava a Genaro, como um pai pôde faze-lo com seu filho.

— Nada tenho que contestar á vossos desejos, respondeu o joven suspirando.

— Essa obediencia, querido Genaro, replicou o padre Roberto, é a prova mais bella que se pode fazer de teu caracter. Agora bem ; o tempo corre, e é preciso que não se vá em inúteis palavras. Pensemos em o desaffio. Tu serás o que deves eleger as armas. Qual pensas escolher ?

— Qualquer dellas me é indifferente, respondeu Genaro, encolhendo-se de hombros. — Sem embargo, é preciso que te decidas por uma.

— Nesse caso, escolherei a pistola. — Bem, seja a pistola. Agora é mister que me digas o trajo que pensas por-te.

— Ainda não reflexionei nisso.

— Pois omittes uma circumstancia das mais importantes. Tudo tem sua relação entre si : e posto que se trata de apontar a um homem, e que esse homem tem que servir de alvo, convém que o alvo seja o mais confuso possivel, que seus perfis não estejam determinados por uma côr vigorosa; e que o trajo seja largo e ligeiro, ao par, já para que possa enganar-se o contrario, já para que não haja embaracos em nenhum movimento.

— Seguirei vossos conselhos.

— Uma vez no campo, creves escusado fazer-te prevenções sobre o que deves praticar para conseguir uma victoria moral sobre teu contrario. O Joguete o bom humor é já um pobre recurso gastado entre os esplendores da côrte de Carlos III e Fernando VI. E mister apresentar-se sereno sem affectação, loquaz sem que se entenda que a loquacidade pôde servir para occultar ou disfarçar o medo, inteireza e sangue frio, serenidade no pulso e firmeza na vista.

— Tudo isso o vereis em mim.

— Com a superioridade que te dão essas circumstancias, e as que tu naturalmente tens com as adquiridas em o conhecimento das armas, o triumpho é quasi seguro, meu filho. Porém em meio de tua victoria me assalta um temor.

— Ouvi-me disse o ancião : as leis actuaes castigam severamente ao duellista : a organização militar, sob a que estamos opprimidos, mais rigida ainda, apella a um conselho de guerra, e este conclue por uma sentença de morte. Uma vez termino o desaffio, será mister que fujas.

— Fugir ! exclamou Genaro, pondo-se pallido. Então terei que separar-me de vós !

— Sim, meo filho ; não ha outro remedio.

— O joven pareceu desconcertar-se ao ouvir esta noticia.

— Não ha motivo para desesperar-se, proseguo o religioso. Somos homens e como taes devemos portar-nos. As vagas deste mar que se chama vida, chegam ás vezes a ter um abalo tão poderoso, que separam aos navios que caminham impellidos por uma mesma brisa. Todo o tenho disposto. Teu formoso cavallo arabe estará esperando-te na porta de S. Vicente : em uma mala collocada á garupa, encontrarás duzentas onças de ouro, armas, um passaporte em toda a regra, e roupa branca. Teu cavallo corre mais de trinta leguas ao dia